

PARTICIPAÇÃO FEMININA NA IGREJA CATÓLICA: UM GRUPO PELA FÉ

Cristiane de Castro Ramos Abud

**Mestranda do PPGH/Universidade do Estado de
Santa Catarina - UDESC
nani.castro@bol.com.br**

Resumo

Este texto pretende demonstrar, através da análise de entrevistas realizadas com 11 mulheres que freqüentam, atualmente, a Catedral Metropolitana de Florianópolis, como elas, através dos seus discursos, se percebem e atuam dentro da Igreja Católica, constituindo-se em um grupo religioso em busca de fé e sociabilidade e que, ao mesmo tempo, rediscute a importância da legitimidade da presença feminina nessa instituição.

Palavras-chave: mulher; religião; poder

Abstract

This text intends to demonstrate, through the analysis of interviews accomplished with 11 women that frequent, now, the Metropolitan Cathedral of Florianópolis, like them, through their speeches, they are noticed and they act inside of the Catholic Church, being constituted in a religious group in search of faith and sociability and that, at the same time, they discuss the importance of the legitimacy of the feminine presence in that institution.

Key-words: woman; religion; power



Quando os sinos das Igrejas tocam anunciando mais uma missa, um grupo de 11 mulheres caminha em direção a Catedral Metropolitana de Florianópolis, sobem suas escadarias segurando seus terços, Bíblias, pequenos crucifixos, santos(as), e carregam, na bolsa, batons, espelhos, escovas de cabelo etc. Encontram-se e sentam-se nas primeiras fileiras dos bancos no interior da Catedral, com seus terços e bíblias entoam orações que ecoam por todo o interior da Igreja antes do início da missa, a chama acolhida. São senhoras bem vestidas e de forma comportada, saias longas ou calça, cabelos bem penteados, maquiadas, viúvas em sua maioria entre 40 a 65 anos, aposentadas e donas de casa, possuem no máximo dois filhos, moradoras do centro da cidade, pertencentes à classe média, e freqüentam essa igreja há mais de 12 anos diariamente.

Ao observar a rotina dessas mulheres no interior da Igreja, onde se sentavam, que santas mais observavam e tocavam, como se vestiam, com quem conversavam, pôde-se perceber que formavam um grupo, constituído por características próprias como idade, aparência, classe social, escolaridade.¹

Aos poucos fui compartilhando um espaço nos bancos onde elas sentavam, conversando sobre suas histórias de devoção, religiosidade, até que elas se sentissem à vontade para registrar suas falas, desejos e confidências. Após observações e conversas iniciais com as mulheres, foram realizados questionários e colhidos depoimentos orais com as mulheres que freqüentam cotidianamente essa igreja. Os questionários combinaram perguntas quantitativas e qualitativas e, de certa forma, forneceram vestígios potencialmente instigantes para que se pudesse pensar a história dessas mulheres, suas produções de sentido e interpelações de suas memórias, bem como o trajeto social das entrevistadas, relativas a origem social, inserção profissional, renda familiar, idade, número de filhos(as), engajamento na Igreja, casamento, idade, virgindade etc.

O ouvir, o ver e o observar estiveram em constante conexão no trabalho de campo, buscando compreender, através das falas, silêncios, gestos, olhares, suspiros das entrevistadas, suas histórias, entendendo que os relatos orais possuem silêncios que podem se tornar fonte de escuta, revelando medos, lutas, prazeres individuais pertencentes a experiências subjetivas divididas em determinados momentos ou lugares. Essa escuta também faz parte da experiência do(a) entrevistador(a), de sua subjetividade, de memórias e experiências que o

¹ Este texto integra a pesquisa de Mestrado *Corpos e(m) imagens na história: questões sobre as mulheres católicas do presente (2207-2008)*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, Florianópolis, na área de concentração História do Tempo Presente.

aproximam temporalmente e culturalmente do(a) entrevistado(a), podendo assim, resgatar experiências e vivências individuais e confrontá-las em um determinado grupo social. Neste caso, uma mulher entrevistando mulheres tem suas especificidades, autonomia e vivências comuns, mas que, ao mesmo tempo, não devem ser universalizadas ou naturalizadas.

Compreendeu-se, através da observação e da análise das entrevistas, que levam na alma o pedido de uma graça, a saudade de um(a) ente falecido(a), a vontade de rezar, o desejo de se confessar, comungar, tocar nas imagens sacras, serem purificadas. Ao mesmo tempo, querem conversar, cantar, serem ouvidas com atenção, sorrir e até se emocionar. Trocam lembranças, saudades, histórias de vida, desejos, experiências plurais e diversas com um laço comum: são mulheres, mas mulheres católicas que freqüentam as igrejas no presente; neste caso, “ser católico praticante acentua no fiel, traços de prática e de uma identidade de católico, reconhecendo-se na religião por participar da Igreja”.²

Estamos falando de mulheres e de mulheres do nosso cotidiano, pois, “contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo”.³

Ao buscar interpretar e dar voz a essas histórias de devoção e fé pode-se contribuir com a produção da história das mulheres e, nesse caso, com a história das mulheres católicas do presente, história esta relatada, até então, a partir de um modelo masculino, onde as mulheres “não tinham história, absolutamente excluídas pela figura divina do Homem, que matara a Deus para se colocar em seu lugar”.⁴

A pesquisa embasada no estudo da história oral, a partir do uso da categoria de análise gênero, como suporte teórico para investigação, permite-nos compreender como os diferentes discursos sobre as mulheres e homens foram sendo gerados e como participam dessas formações discursivas, enfocando “as tensões e as contradições que se estabeleceram em diferentes épocas”, entre as mulheres e seu tempo, “entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas”.⁵

O estudo da história das mulheres e suas práticas religiosas contribuem para superar a lógica binária e patriarcal da Igreja Católica, atribuída às diferenças e à mulher, celebrando a

² BRANDÃO, Carlos R. Ser católico: dimensões brasileiras- um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. RJ: Graal,1988. P.27-58.

³ LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19,ANPED,Jan. a Abril/2002, p.35-86.

⁴ RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu*. n.11, SP: UNICAMP,1998

⁵ Del PRIORE, História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. SP: Contexto, 2005. p.217-235.

história das mulheres enquanto política de reconhecimento de um grupo com suas histórias de conflito, silêncios, enfrentamento e transgressão. Na ótica de Scott⁶, trata-se de um desafio teórico, “isso exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história e a prática presentes”, ou seja, poder participar do tempo presente, olhá-lo, questioná-lo e poder torná-lo provisório, decifrando os componentes do passado que contribuíram para promover uma hierarquização ou sistemas de dominação atuais. E que também é político, resgatando fragmentos de falas e gestos que constituem a identidade de um grupo e lhes atribui um significado social e original.

A partir dos relatos orais, dos discursos sobre os fragmentos da vida, das experiências é que se pôde compreender e transitar entre as identidades daquelas que parecem viver anônimas no interior das igrejas sejam elas donas de casa, viúvas, solteiras, casadas, empregadas, estudantes, ricas, pobres, mães, brancas ou negras. Compreender, através das evidências e discursos das entrevistas, além do que é naturalizado, a trajetória de um grupo social determinado, mulheres que se encontram na Igreja e que também fazem parte da história das mulheres de Florianópolis.

A ilha de Santa Catarina foi umas das principais portas de acesso para o Brasil Meridional, constituindo-se em um ponto estratégico para o Sul e a Bacia do Prata. Os registros a respeito do povoamento europeu inicial da ilha datam do início do século XVI. A fundação efetiva de Nossa Senhora do Desterro tem sido narrada como sendo de iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho em 1672.⁷

O ponto mais elevado da cidade era de onde partia a construção dos templos religiosos, para, depois, ser o seu entorno coberto pelas outras construções. O poder religioso, representado pelas Igrejas nos centros urbanos, produziu a identidade da sociedade baseada na ordem e nos mandamentos da Igreja Católica, sendo esta a responsável pela organização de eventos sociais, “exigindo práticas comportamentais, legitimadas por uma discursividade homogeneizadora correlata aos interesses governamentais.”⁸

⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, POA, 20(2):71-99, jul./dez., 1995p..74.

⁷ CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis, Lunardelli, 1979.

⁸ SOUZA, Rogério Luiz, Quando chega o Bispo. A igreja em Santa Catarina e o conturbado ano de 1914. *Encontros Teológicos: Revista do ITESC*. N.27, Florianópolis: Editora Vozes, 1999b, p. 105-118.

As Igrejas desempenhavam um papel estratégico na cidade, próximas ao mar, realizavam atividades de assistência social, cultos, procissões, encontros entre os(as) moradores(as) tradicionais em Desterro; eram lugares para votar ou sessões eleitorais, assim cada paróquia oficial tinha como sede uma Igreja e,

[...]incluía um certo número de casas de residenciais e, com elas, crescia o número de votantes, que eram os eleitores do primeiro turno. As eleições se precediam nas sacristias das igrejas, centro espiritual da paróquia. (...) O Presidente da sessão jurava, após a missa, sobre os Evangelhos, com a mão aberta sobre eles, depositados no altar-mor. Jurava respeitar a Constituição e as leis do Império, promover o bem público e cumprir os seus deveres, terminando por dizer: “Assim Deus me ajude”.⁹

As Igrejas também realizavam, nesta época, o registro de óbitos, nascimentos e casamentos, interferindo na vida social e comunitária como uma forma de promover a reunião social e a oportunidade de se distrair e divertir.

A Igreja, assim como outras instituições, possui regras e procedimentos estratégicos para manter e consolidar a organização e a identidade de um grupo social, seja através da determinação de valores morais, modos de ser e agir em torno de um “mercado lingüístico”¹⁰, que produz um tipo de sujeito e uniformização social, passando pelo corpo e pela alma de seus(suas) fiéis. É este discurso sacramental e do divino que a Igreja busca manter e ao mesmo tempo domesticar, através da constituição de símbolos e práticas pertencentes à esfera do religioso, que legitima relações de poder hierárquicas e tradicionais. A experiência com o sagrado move corpos, desejos, o espírito do sujeito que exerce sua fé em contato com seu Deus. Para Durkheim¹¹, “as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam. As coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras”.

O local de encontro dessas mulheres é a Catedral Metropolitana de Florianópolis, subindo as ladeiras e esquinas das ruas do centro da cidade, passando pelas índias amamentando seus(sua)s filhos(as) nas calçadas, pelos homens jogando o tradicional dominó nos bancos das praças, pelo vai e vem de pessoas pelas lojas, chegamos às escadarias da, hoje, chamada Catedral Metropolitana de Florianópolis, localizada em frente à Praça XV de novembro.

⁹ CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis, Lunardelli, 1979. p.445.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. RJ: Bertrand Brasil, 1989.

¹¹ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. SP: Martins Fontes, 1996, p.24.

No passado, antes da sua criação, Padres Jesuítas, Franciscanos e Carmelitas prestavam assistência e auxílio religiosos aos(as) moradores(as) da ilha. Neste local concentrava-se a vida econômica, política e social de Desterro¹², pois ao seu redor se encontram palácio Cruz e Souza desde 1979, a Casa do Governo que Silva Paes construíra, a Câmara e a cadeia, antigas e tradicionais casas da ilha¹³. Patrimônio histórico tombado pelo município e pelo Estado de Santa Catarina, está localizada no centro da cidade e foi construída entre 1753 a 1773. Em 1712 foi criada a paróquia Nossa Senhora do Desterro e o primeiro casamento foi celebrado em 1714. Em 1894 a Vila de Nossa Senhora do Desterro foi elevada a categoria de cidade. Em 1887 foi instalada na torre da Igreja Matriz o relógio vindo da Alemanha. Em 1908 pela criação da Diocese de Florianópolis, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro foi elevada a condição de catedral e desde 1922 passa por reformas e ampliações.¹⁴

Ao se questionar as mulheres entrevistadas pelo motivo que freqüentam a igreja a mais de doze anos, elas responderam por ser um lugar que transmite paz, espiritualidade, acolhedor, onde encontramos fé e amigas, como nos depoimentos a seguir:

*Conheci outras senhoras aqui e agora estamos organizando cursos de tricô no salão paroquial. É muito bom, ensinar outras pessoas e aprender também. A gente faz e recebe doações para quem nos procura. É uma benção de Deus poder ajudar eu me sinto realizada com isso. (R.F. 70 anos.); É na Igreja que encontro a sensação de paz, proteção, posso ler, rezar, sem ter pressa ou pensar no que está acontecendo lá fora (A.C.65 anos).*¹⁵

É nos templos e santuários que se encontra uma realidade diferente da “natural”, do cotidiano, algo único, que se constitui como pertencente a um lugar sagrado, reproduzindo o mundo celeste e paradisíaco, onde o tempo parece estacionar e retornar ao instante da Criação; como nas falas das mulheres, ao responderem sobre seus sentimentos ao estarem dentro da Igreja:

Me sinto bem, aliviada(L.M .47 anos); Sinto paz ao olhar para as imagens sacras(A.G.37 anos); Me sinto feliz e tranqüila, diferente da violência do mundo lá

¹² A capital do Estado de Santa Catarina possuía o nome de Desterro ou, Nossa Senhora do Desterro. A partir de 1894, porém, passou a se chamar Florianópolis em homenagem à Floriano Peixoto, como consequência da Revolução Federalista.

¹³ CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis, Lunardelli, 1979.

¹⁴ Disponível no site da Catedral Metropolitana de Florianópolis. <http://cat.arquifloripa.org.br>.

¹⁵ As entrevistas foram realizadas no interior da Catedral Metropolitana de Florianópolis, do período de março de 2007 à dezembro e 2008, sendo que os nomes das entrevistadas está abreviado a pedido das mesmas.

fora(L.N.53 anos); *É um ambiente acolhedor e espiritual*(T.A.60 anos); *Encontro aqui silêncio para rezar e ler*(D.C.39 anos). Como também, *lhes traz paz, amor, espiritualidade, como se revitalizássemos nossos corpos*(L.A.57 anos).

Sentimentos que se complementam no momento do encontro com o mistério, uma adoração em contraste com o medo que fascina e atrai, seja pelas imagens sacras ou pelo silêncio do local. O tempo da Igreja exige que não se tenha pressa de rezar, “a escuta e a meditação alimentam-se de silêncio, após a escuta da Palavra e a concentração no mistério, é natural que o espírito se eleve para o Pai”.¹⁶

O espaço da igreja constitui-se em um lugar sagrado, onde se encontra a experiência com algo diferente de nossa realidade profana ou perigosa, toda a sua alegoria, luminosidade, rituais, silêncio, tranqüilidade, revelam a fronteira do místico com o cotidiano. Um lugar, também, onde se trocam lembranças, experiências de vida, confissões comuns que tornam os fiéis integrantes de uma mesma comunidade ou grupo, que seguem práticas e representações próprias constituindo uma identidade social, como pode-se perceber ao longo das entrevistas.

Historicizar a experiência possibilita evidenciar suas marcas, formas de representação, pois, “quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero”.¹⁷ Sendo que as narrativas das mulheres entrevistadas contribuem para produzir a realidade de um grupo, suas relações e interações cotidianas.

O estudo sobre o funcionamento, as relações de um grupo cria possibilidades para que se encontre nos silêncios, nos gestos, nos olhares, outra forma de reescrever a história, desconstruindo-a e tornando-a provisória. A construção das identidades de um grupo se dá a partir dos contextos sociais dos quais ele emerge, a partir das múltiplas relações sociais que o delimitam e o produzem, explorando seus acontecimentos, instabilidades e diversidade de representações.

Por terem seus corpos produzidos pelo discurso moral católico como morada do pecado, as mulheres historicamente foram proibidas de penetrar no altar durante a missa. Nas celebrações, o Padre deveria lembrar aos(as) fiéis que o espaço da Igreja era sagrado, onde as mulheres deveriam seguir normas rígidas de como se portar, como no *Novo Testamento*, onde diz:

¹⁶ CARTA APOSTÓLICA. *Rosarium Virginis Mariae*. João Paulo II. Roma, 2001, p.15.

¹⁷ PISCITELLI, Adriana e KOFES, Suely. Memória de “histórias femininas, memórias e experiências”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.8/9, 1997, p. 343-354.

Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei determina. Se, porém querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na Igreja. ¹⁸

A Igreja negou a sexualidade das mulheres enquanto amantes ou discípulas, assim como a participação delas nas celebrações de seus rituais, aceitando-as como penitentes, ajoelhadas pedindo-lhe perdão pelos seus corpos pecadores e tentadores, Ranke-Heinemann¹⁹ lembra que em 1917 o livro das leis da Igreja afirmava:

A mulher não pode ministrar. Só admite-se exceção, se não de dispuser de um homem e houver bom motivo. Mas as mulheres não podem em caso algum subir ao altar e só podem dar respostas de longe. (...) Como os cantos na igreja ocupam um ponto litúrgico, as vozes femininas não podem ser usadas na musica sacra.

Mas há algumas evidências do contrário nos próprios documentos católicos, nas Igrejas primitivas as mulheres eram chamadas ao serviço do Diaconato e também orientavam as celebrações das Igrejas domésticas. No Novo Testamento, há alguns exemplos de mulheres fiéis a fé ao amor de Cristo que profetizavam, “No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia e entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. Tinha este quatro filhas donzelas que profetizavam”. ²⁰

Quanto à ordenação das mulheres, a posição da Igreja de não admiti-las está baseada nos fundamentos da Sagrada Escritura, afirma o Papa João Paulo II no Documento Pontifício *Ordinatio Sacerdotalis*, de 1994²¹:

[...] não é admissível ordenar mulheres para o sacerdócio, por razões verdadeiramente fundamentais. Estas razões compreendem: o exemplo- registrado na Sagrada Escritura- de Cristo, que escolheu os seus Apóstolos só de entre os homens; a prática constante da Igreja, que imitou Cristo ao escolher só homens; e o seu magistério vivo, o qual coerentemente estabeleceu que a exclusão das mulheres do sacerdócio esta em harmonia com o plano de Deus para a sua Igreja.

¹⁸ Cor 14,34-35. *A BÍBLIA SAGRADA*. Tradução de João Ferreira de Almeida. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁹ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Mulheres, sexualidade e Igreja Católica. RJ: Record: Rosa dos Tempos, 1996, p. 147.

²⁰ At 21, 8-9.

²¹ *DOCUMENTOS PONTÍFICOS*. João Paulo II, *Ordinatio Sacerdotalis*, Roma, 1994, p.1.

Apesar destas proibições, elas sempre estiveram presentes nas igrejas, fiéis seguidoras e porta-vozes dos ensinamentos cristãos. A própria Igreja brasileira percebeu este movimento das mulheres dentro das igrejas e criou organizações que difundiram e promoveram ações de reflexão sobre a condição feminina religiosa, como a Comissão de Estudos sobre a Mulher na Sociedade e na Igreja em 1973, a Pastoral da Mulher Marginalizada, a Pastoral da Criança e curso de Teologia dirigido ao público feminino. Para a Igreja, este trabalho é reconhecido e necessário; na *Carta as Mulheres* escrita pelo Papa João Paulo II à Conferência Mundial da Mulher, ele expressa “especial gratidão às mulheres que atuam numa maternidade afetiva, para além da família, em creches, escolas, instituições de assistência, paróquias, associações, no trabalho de formação especialmente em prol dos mais débeis e indefesos”.²² Esta justificativa refere-se à condição dada pela Igreja para que a mulher atue fora do espaço doméstico, ligada a trabalhos manuais, não teóricos e filantrópicos por uma causa social e religiosa:

Neste horizonte de serviço é possível acolher também, sem conseqüências desfavoráveis para a mulher, uma certa diversidade de papéis que brota da peculiaridade do ser masculino e do feminino. Se Cristo confiou somente aos homens a tarefa de ser ícone da sua imagem de pastor e esposo da Igreja através do exercício do sacerdócio ministerial, isto em nada diminui o papel da mulher. Há de fato a feminilidade da mulher crente, e especialmente da mulher consagrada uma espécie de profecia imanente, que se realiza plenamente em Maria e exprime bem o ser mesmo da Igreja, enquanto comunidade consagrada com a dimensão de absoluto de um coração virgem para ser esposa de Cristo e mãe dos crentes.²³

231

A família, representada pela mulher, cumpriu seu papel de bom comportamento cristão, modelo que também tinha receptividade sobre os homens, principalmente no final do século XIX, com o surgimento do modelo eugênico e higienista que vai determinar comportamentos, relações sexuais e valores familiares. Ciente disto, a Igreja cedeu às mulheres um espaço nas igrejas, seja zelando pelo local ou realizando orações e cantos durante as celebrações, como nos depoimentos das entrevistadas: *Sempre ajudei na igreja, desde moça. Atendo aqui há muitos anos, meu marido ia trabalhar e eu vinha ajudar o Frei aqui, cuidar dos livros, dos santos, sempre gostei.* (G.K.68 anos); *Hoje eu ensino meus netos a rezarem a e a agradecerem a Deus antes de dormir.* (A.C.65 anos).

O modelo de mãe e devota consolidou a representação do ideal de boa cristã, produzindo um disciplinamento e vigilância destas e, ao mesmo tempo, exercendo o controle

²² CARTA ÀS MULHERES. Conferência de *Beijing*. João Paulo II. 1995, p. 135-136.

²³ CARTA ÀS MULHERES. Conferência de *Beijing*. João Paulo II. 1995, p.137.

sobre as famílias, suas condutas e seus desejos, “Convidar as mulheres, pelo menos as mais nobres, a confiar-se a um homem da Igreja, era tratá-las como pessoas capazes de corrigir a si mesmas. Mas era também capturá-las. A Igreja as apanhava em suas redes”.²⁴

A boa mãe, educadora, responsável pelos ensinamentos da moral cristã da imagem, reflete-se nas palavras das mulheres, desde o século XVIII onde o papel da mãe letrada era o de ensinar a filha a se portar, vestir, falar e a dominar os afazeres domésticos para um bom casamento²⁵,

[...]a maternidade também comportava a necessidade de inculcar certos valores morais de comportamento. (...)Uma filha era o que a mãe fazia dela. (...)Uma mulher virtuosa, como alguém que imprimia à filha as virtudes da castidade, da limpeza e da sobriedade, ficaria consideravelmente mais bem colocada nesta escala de valores.

Ainda dentro desses ensinamentos cristãos que passam historicamente de mãe para filha, hoje, encontramos nas falas das mulheres entrevistadas sua manutenção quanto a religião católica:

Eu freqüento a igreja desde pequena, minha mãe me trazia(L.A.F.47 anos);

Freqüento a igreja há mais de 30 anos, minha filha também seguirá meu exemplo(O.R.55 anos.);

Sempre quando posso, trago minha neta, ela adora a missa(P.M.65 anos).

Minha mãe rezava todos os dias, agora eu faço as preces por ela(L.M 47 anos.).

A Igreja Católica soube bem aproveitar o discurso da mãe educadora e zelosa para difundir seus preceitos cristãos:

Conheço muitas donzelas que desejam consagrarem-se a Deus na virgindade, mas as suas mães nem as deixam sair de casa para me ouvirem. Se as vossas filhas quisessem amar um homem, pelas leis poderiam escolher quem lhes aprovasse. E aquelas que podem escolher um homem, não poderão escolher a Deus?.²⁶

Quanto ao perfil dessas mulheres, nas entrevistas realizadas, constatou-se que 65% das mulheres casaram com 20 anos, 35% com 18 anos e 10% com 25 anos. As atividades de lazer, antes, relacionavam-se com o cuidado da casa e da família, como ir ao supermercado, viajar nas férias do marido com a família, agora, saem de casa para freqüentar a igreja, a fazer e a ministrar cursos de bordado e artesanato, realizar caminhadas. Quanto ao mercado de

²⁴ DUBY, Georges. *Eva e os padres: Damas do século XII*, SP: Cia das Letras, 2001, p.35.

²⁵ PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Do renascimento a Idade Média. Vol.3. Portugal: Afrontamento, 1991, p. 63.

²⁶ CARTA ENCÍCLICA DO PARA PIO XII. *Sacra Virginitas*. Roma, 1954, p.17.

trabalho, 70% são aposentadas e 30% são donas de casa ou trabalham no comércio, sendo a renda familiar de 60% delas de 3 a 4 salários mínimos; 30% de 2 salários e de 10%, um salário mínimo.

As mulheres entrevistadas que cantam e tocam violão durante a missa celebrada pelo Padre da Catedral Metropolitana de Florianópolis, hoje, já ocupam, por um momento, o altar. Ao proclamarem as palavras do Evangelho ao microfone, são ouvidas por fiéis que lotam os bancos das Igrejas. Quando ocupam a cena social, os olhares se voltam para elas, para sua beleza encantadora, corpo instigante, carregado de marcas e sentimentos de fé e dedicação à Igreja.

Todos os dias pela manhã uma das senhoras responsáveis pela Igreja, abre as portas do salão principal, organiza a Igreja, faz a limpeza das imagens sacras nos altares, atende ao público, vende velas e objetos sacros, mas sabe que na hora da missa ela não poderá subir até o palco principal, o altar onde é celebrada a missa é reservado somente ao Padre e aos coroinhas: *Eu sei da importância do meu papel aqui, tenho minhas responsabilidades, conheço a história de todas as santas* (A.R.62 anos).

Outros depoimentos revelam que as mulheres percebem a importância de seu papel e trabalho para a Igreja:

Para mim é um ofício. Desde que fiquei viúva passo as tardes ou manhãs aqui. Ajudo na secretaria. Me sinto realizada em manter a fé. (G.K.68 anos); *Me sinto bem aqui, depois que meu velho faleceu, venho mais. Tem que ter vocação mesmo para estar sempre aqui.* (R.F.70 anos.); *Eu trabalhava no início, depois meu marido disse que eu não precisava, ele dava conta. Então, comecei a fazer o que eu gostava, retornei a igreja. Ajudei os grupos de assistência aos pobres e hoje também faço parte do grupo de celebração daqui.* (T. A. 60 anos).

A fala dessas mulheres de a Igreja ser um local para aprender, ensinar e de encontro, demonstra o significado deste espaço para poder, de uma forma permitida, trocar experiências e de estar entre mulheres, já que por muito tempo a mulher teve que estar reclusa em sua casa, com seus afazeres domésticos e com a preocupação da educação dos(as) filhos(as) e do cuidado para com o marido.

Identicidades que buscam complementação no outro, nas diferenças e que não são únicas, mas sim fragmentadas e “constituem ao longo de discursos práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”.²⁷

E se as mulheres deixassem de freqüentar a Igreja? As Igrejas não teriam mais o chão limpo, as flores conservadas, as imagens limpas e no lugar, as hóstias não seriam mais feitas pelas freiras, não teríamos mais catequistas, as doações enfraqueceriam, assim como as procissões, celebrações etc. Mulheres sem vestes religiosas, sem votos solenes, mas que dedicam uma parte de suas vidas ao que acreditam como representações de amor, caridade, esperança, algo que tem valor porque é feito, propagado e mantido por elas, como em um dos depoimentos: *Sou casada desde os 17 anos, pois engravidei nessa época e minha mãe, muito religiosa, pediu para que eu me casasse logo. Desde pequena freqüento a Igreja e fiz todos os sacramentos. Hoje coordeno um grupo de estudos bíblicos, onde participam homens e mulheres. Apesar de na Bíblia não haver muita discussão sobre a participação e da importância das mulheres e de sua fé, hoje entendemos que Deus compreenderia melhor o nosso significado, sem nossa ação a Igreja estaria abandonada. É importante que a hierarquia masculina da Igreja seja questionada, sempre fomos muito ativas.* (J.S., 47anos). 234

Percebe-se, neste relato, que o cotidiano é onde os indivíduos atuam, é nele que se encontra toda a potencialidade de rebeldia e também de dominação, é onde toda a vida humana é passível de uma normatização, mas é também, na vida cotidiana que se exercem as mais persistentes táticas de resistência, e formas de subverter a ordem, de contrariar a norma. Para CERTAU²⁸ (2001:47), “muitas práticas cotidianas são do tipo táticas”, então o estudo destes elementos se faz importante para compreender os mais variados aspectos da vida cotidiana dos indivíduos e suas formas de “antidisciplina”.

É neste espaço, ocupado principalmente por mulheres que suas histórias de vida como devotas tornam-se comuns e passam a ser partilhadas, construindo uma identidade social pertencente a um grupo. Este local representa uma posição simbólica que demarca o discurso do sujeito e o modo como é (re) significado pelos seus demais integrantes; estes lugares sociais são constitutivos das significações produzidas nas relações sociais. Deste modo, nos conflitos e nas diferenças, “construímos nossa identidade em relação a histórias de outras

²⁷ HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. RJ: Vozes, 2000. p. 103-131.

²⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p.47.

pessoas a nosso respeito e nossas próprias histórias a nosso respeito, histórias a respeito do nosso passado e nosso presente e acerca daquilo que queremos nos tornar”.²⁹

Essas narrativas de um grupo não são lineares, possuem reminiscências, contradições, estereótipos históricos, culturais, políticos e de gênero, “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado”.³⁰

As mulheres com seus enfeites, perfumes, véus, olhares, sorrisos, cantos, fazem do momento da missa uma forma de demonstrar que elas estão presentes, seja pelas suas orações, terços, na organização das toalhas do altar, das flores, do cuidado com as imagens de Santos(as), ou pelos seus sorrisos e lágrimas durante suas orações, produzindo um ritual próprio. Procurou-se revelar e perceber aqui, as vozes dessas mulheres que querem ecoar sua importância e presença na Igreja Católica.

Artigo recebido em 08/12/2008 e aprovado em 08/05/2009.

²⁹ THOMPSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da PUC/SP*. SP, n.15, abril, 1981, p. 51-84.

³⁰ BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. SP: Companhia das Letras, 1994, p. 414.